

# EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA FASE MARAJOARA (400 a 1300 AD)\*

Denise Pahl Schaan\*\*

A pesquisa arqueológica em Marajó pode ser vista como que pertencendo a três momentos distintos, se tomarmos como parâmetros os métodos utilizados e os resultados obtidos. Num primeiro momento, que abrange as escavações realizadas a partir das décadas finais do século passado e primeiras décadas deste, os trabalhos eram isolados e pouco sistemáticos, característicos de uma época em que principiava o descobrimento dos novos sítios.

Palmatary (1949) faz uma revisão de quase todos estes trabalhos que, ainda que tenham oportunizado o acesso da comunidade científica aos primeiros registros arqueológicos sobre a Fase Marajoara, não realizaram nenhum estudo estratigráfico que possibilitasse conhecer a datação dos sítios e a seqüência de ocupação. A falta de localização temporal impedia que se construíssem hipóteses sobre a origem daquela cultura, mas a partir do estudo estilístico da cerâmica começou a buscar-se afiliações em outros pontos do continente.

Ao final da década de 40, Meggers e Evans realizam escavações não só na Ilha de Marajó como também no território do Amapá e nas Ilhas Caviana e Mexiana, o que atesta a preocupação em contextualizar e estabelecer relações entre as diversas ocupações humanas na região. Em relatório publicado em 1957, há um cuidadoso inventário de todos os sítios encontrados, além da

\* O presente artigo é uma versão alterada do Cap. II da Dissertação de Mestrado *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*, defendida em maio de 1996 no Curso de Pós-Graduação em História – Arqueologia, PUCRS.

\*\* Mestre em História (área de Arqueologia) pela PUCRS.

reunião dos dados produzidos pelas investigações anteriores. A partir dos resultados obtidos, são traçadas, então, hipóteses sobre a origem e desenvolvimento das culturas que habitaram a Ilha.

Baseados na etnografia de populações amazônicas modernas e utilizando o método, comparativo, Meggers e Evans inferiram os padrões de assentamento que seriam característicos da Ilha de Marajó. Pretenderam demonstrar que, por causa da geografia da região amazônica, a única forma de subsistência humana seria a da vida em pequenas comunidades, baseada na pesca, caça e coleta e agricultura de subsistência; que, portanto, esse tipo de economia não poderia sustentar grandes contingentes populacionais e suportar o desenvolvimento de uma sociedade mais complexa.

A partir do material produzido pelas escavações, identificaram cinco fases de ocupação na Ilha, que chamaram de Fases da Floresta Tropical; a seqüência arqueológica estaria então representada por essa sucessão de culturas não-relacionadas entre si, cada uma com aparecimento repentino, com florescimento fugaz e se sucedendo ou sendo absorvida pela seguinte. Segundo suas estimativas, a 4ª fase da seqüência, a Fase Marajoara, com início em 1250 A.D., teria durado aproximadamente 200 anos. Para Meggers e Evans, não há evidências de que essa cultura seja nativa de Marajó.

Portanto, quando analisaram a cerâmica arqueológica da Fase Marajoara, concluíram que teria sido produzida por um povo proveniente das terras andinas, que, migrando, teria chegado a Marajó, onde, com difíceis condições de sobrevivência devido aos poucos recursos oferecidos pelo meio, teria visto sua cultura regredir até seu total desaparecimento. É fácil entender que, nessa época, era forte a influência, nos meios acadêmicos, do determinismo ecológico de Steward (1949); além disso, os estudos sobre os solos pobres em nutrientes, que eram considerados predominantes na várzea amazônica, apontavam para a impossibilidade de ter havido longa sobrevivência humana nesse meio adverso.

Durante várias décadas buscou-se identificar pontos em comum entre a cultura Marajoara e outras culturas distantes, na busca de sua origem. O método comparativo levou os estudiosos a buscar essa origem em lugares tão distantes como o Egito (Lisle du Dreneuc, 1889) ou a Escandinávia (Barbosa Rodrigues, 1876), ou ainda na América, na região do Mississipi (Netto, 1885; Palmatary, 1949), Alto Amazonas, Venezuela, Colômbia ou América Central (Cruls, 1944; Lathrap, 1942).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Apud Meggers e Evans, 1957.

Com os mesmos propósito, Meggers e Evans (1957:411-419) isolaram traços distintivos da cultura Marajoara e buscaram identificar geograficamente locais onde os mesmos teriam aparecido anteriormente. O resultado desse trabalho é uma plotagem, no mapa da América do Sul, onde observaram uma maior concentração de características comuns nas regiões da Colômbia, Equador e nordeste do Peru. Como nos níveis mais antigos dos sítios escavados observaram que a cultura Marajoara estava no auge de seu desenvolvimento, não tiveram dúvidas em optar pela teoria da migração. Admitem que o local de origem apontado não é o único possível, mas ponderam que as evidências tanto arqueológicas quanto etnográficas não deixam outra saída. Se num primeiro momento buscaram explicações para o fato de essa migração não ter deixado vestígios em sua passagem –

*"The trip downriver must have been a rapid one, because no Marajoara Phase sites have come to light along the main course of the Amazon, which is better known archaeologically than other parts of the lowland"* (Meggers e Evans, 1957:419) –,

mais tarde encontraram comprovação de sua teoria com descobertas de fragmentos de cerâmica policrômica em diversas regiões na Bacia Amazônica. (Toledo, 1942, apud Meggers e Evans, 1957; Nordenskiöld, 1930; Brochado, 1980).<sup>2</sup>

Estudos posteriores (Magalis, 1975; Brochado, 1980), apoiados por datações de radiocarbono para a cerâmica policrômica encontrada em outras regiões amazônicas demonstraram que, se houve migração cultural, ela se deu em sentido contrário. Lathrap (1972, 1977, apud Brochado, 1980) aponta para uma origem comum da cerâmica policrômica na Amazônia Central. A cerâmica mais antiga identificada até então havia sido a da Tradição Mina, não-policrômica, com datas em torno de 4000 a.C. Brochado (1980), em sua Tese de Doutorado, indicava que uma cerâmica mais antiga ainda deveria ser encontrada no Baixo Amazonas; Roosevelt apresentaria, alguns anos mais tarde, datas de radiocarbono obtidas em escavações próximas a Santarém, no

---

<sup>2</sup> Não há comprovação de que os fragmentos encontrados nas diversas regiões sejam originários de Marajó, podem ser apenas cerâmica policrômica. Em nota de rodapé, Meggers e Evans (1957:419) comentam que Toledo (1942) teria achado fragmentos de cerâmica marajoara na região do Rio Trombetas, que incluíam 2 cabeças de "figurines" e um apêndice, que os autores identificaram como sendo indiscutivelmente de origem Marajoara.

sambaqui da Taperinha, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica, alguns decorados, com incisões relativamente simples, com uma antiguidade de 7 a 8 mil anos A.P., a mais antiga até agora encontrada para as Américas.<sup>3</sup> Assim como a cerâmica da Tradição Mina, parece ser uma cerâmica já evoluída por causa do tratamento da superfície.

Nos anos 80 e 90, Anna Roosevelt emprega, em Marajó, métodos e técnicas que produzem resultados diferentes e acabam por chocar-se com as teorias construídas por Meggers e Evans. Nesse terceiro momento, há uma preocupação em recolher todo e qualquer resíduo biológico que possa oferecer informações a respeito dos padrões alimentares, através de modernas técnicas de flotagem da terra e análise da matéria orgânica em laboratórios; a escavação é feita por decapagem dos níveis naturais, preservando as indicações de fogões e pisos para a reconstituição das moradias e análise dos locais de alimentação e trabalho; o *survey* é priorizado com relação à escavação propriamente dita, que se atém a poços-teste tendo em vista a vasta extensão dos sítios e a grande quantidade de material recolhido.

Os resultados de todo esse trabalho, levado a efeito com uma equipe multidisciplinar e com a possibilidade de analisar o material em laboratórios sofisticados, mostram que, ao contrário do que se pensava anteriormente, a Ilha de Marajó suportou uma civilização altamente desenvolvida, por quase 1000 anos, até aproximadamente o ano de 1300 A.D. E não só esta população não decaiu sob as agruras do clima e da geografia da Ilha como nela se desenvolveu, florescendo ali uma das civilizações mais complexas da pré-história recente das Américas.

Roosevelt (1992a) atesta que a cerâmica apareceu na Amazônia 2000 anos antes do que nos Andes e na Mesoamérica, sendo que as influências estilísticas sofridas pela cerâmica Marajoara provém das terras baixas e não dos Andes como se pensava. Ao contrário, os estilos semelhantes nos Andes lá aparecem 600 anos mais tarde e podem ter sofrido influência amazônica.

Algumas evidências arqueológicas nos parecem hoje incontestáveis: de que uma população bastante numerosa, responsável provavelmente pela construção dos gigantescos aterros, teria habitado a parte centro-leste da Ilha por mais de novecentos anos; que teria havido alguma espécie de hierarquia social tendo em vista a diversidade verificada nos sepultamentos; que essa população utilizava-se de práticas rituais diversas e que essas práticas tinham

<sup>3</sup> Conforme artigo do *New York Times* sobre as escavações de Roosevelt, 13/12/91.

grande importância na vida social; que haveria especialização do trabalho; que há uma continuidade no desenvolvimento diacrônico na Fase Marajoara, ainda que tenham havido mudanças significativas com relação às práticas culturais.

Muitos pontos são controversos, em parte pelas dificuldades de pesquisa, pela falta de um controle estatístico nos registros, pelas amostras pouco representativas. Não se sabe de que os índios Marajoaras viviam: há vestígios de consumo de animais aquáticos, como peixes muito pequenos. Roosevelt pensa que podem ter sido utilizados canais para controle hidráulico, visando o cultivo de sementes, como o milho, entretanto isso não está comprovado, uma vez que construções desse tipo não foram encontradas. Meggers e Evans consideraram que a falta de alimentos teria levado à degeneração cultural e seu desaparecimento; no entanto, o fato de essa população ter tido um longo período de permanência na região contradiz essa hipótese, pois não há decadência que dure 900 anos.

Roosevelt defende a tese de que o tipo de organização sócio-política Marajoara seria típica dos cacicados, amparada no registro arqueológico e analogias com outras sociedades complexas do período pré-conquista nas Américas. Uma análise mais detalhada de sua argumentação em *Mound-builders of the Amazon* (1991) comprova que a própria autora admite que os dados existentes não são suficientes para comprovar a existência do modelo cacicado em Marajó:

*"We have observed in the Marajoara domain apparent site size hierarchies and functional differences between sites that would tend to accord with chiefly organization, as would the physiological variability of Marajoara people. However, as discussed, there is as yet no specific evidence that there were socioeconomic strata or paramount chiefs."*

(...)

*"Thought the Marajoara society shows considerable evidence of socioeconomic differentiation of some kind, as yet there is no clear evidence for the existence of central political roles."* (Roosevelt, 1991:95).

Apesar disso, em diversos artigos (1987, 1989, 1992), a autora sustenta a tese da existência dos cacicados em Marajó durante a Fase Marajoara. A discussão a respeito da organização político-social na Fase é importante e para ela podem contribuir principalmente o estudo da linguagem simbólica e

iconográfica da arte. Por isso vamos examinar a seguir o conceito de cacicado e como ele vem sendo trabalhado pelos arqueólogos.

Sanoja y Vargas (1987:201) apontam os cacicados como sendo a forma de organização social característica das sociedades tribais em grande parte da América do Sul no período que antecedeu a conquista espanhola. À parte as especificidades regionais, algumas características básicas são apontadas como essenciais para identificar essa nova forma de organização que assumem as comunidades em crescimento demográfico.

Na passagem de um modo de vida comunal à dos cacicados, as relações de parentesco adquirem importância para o estabelecimento de uma rede político-social hierárquica relacionada com a divisão e especialização social do trabalho antes desconhecidas. Service (1962, apud Yoffee, 1994) classifica os cacicados como “sociedades de parentesco”, onde o *status* é determinado pela genealogia, com a existência de clãs cônicos, com membros que ocupam posições relativas à distância geracional que mantém dos ancestrais, verdadeiros ou mitológicos. A hierarquia se estende para além do domínio da aldeia, estabelecendo-se relações de subordinação entre aldeias e entre essas e uma aldeia principal, residência do chefe do clã mais importante.

Invariavelmente imbuído de poderes deísticos, o cacique principal coordena uma rede de caciques a ele subordinados que apropriam-se, em nome do interesse comum, do excedente produzido nas aldeias. Através da estocagem de alimentos, da produção de bens suntuários por uma elite especializada e da apropriação da terra estabelece-se o poder do grande senhor e de sua linhagem, uma vez que controlarão a redistribuição dos alimentos e as práticas religiosas e rituais que legitimam o *status quo*.

Fried chama essa organização de “*una red distributiva superfamiliar*”, em que pessoas são encarregadas de funções dentro da rede, o que vai ocasionar *status* diferenciado entre elas; o número de pessoas imbuídas de posição privilegiada depende da complexidade da rede. Isso não significa, para o autor – que ensina a identificar arqueologicamente esse tipo de sociedade –, privilégio econômico:

“(...) debe declararse en justicia que los status redistributivos centrales están asociados a bullicio, plumajes y otros adornos de la función. Estas personas se sientan en banquillos, tienen grandes casas y son consultadas por sus vecinos. Sus roles distributivos los colocan automáticamente al frente de la vida religiosa de la comunidad. Sin embargo, están también en esta posición a causa de su status de parentesco central como jefes de linajes, clan o tribus.” (Fried, 1979:138, apud Toledo y Molina, 1987: 194).

A forma de estratificação dos sítios, para Price (1957, apud Toledo y Molina, 1987), permite identificar sociedades igualitárias de sociedades não-igualitárias, pela diferença de arquitetura e artefatos associados. Entretanto ele lembra que não há necessariamente diferenciação arquitetônica na casa dos caciques, havendo apenas, nestas, um maior acúmulo de bens suntuários.

A redistribuição enquanto uma característica clássica para identificação dos cacicados tem sido, segundo Yoffee (1994:6-7) descartada por diversos autores (Timothy Earle, 1977-78, 1987; Jonhson e Earle, 1987; Peebles e Kus, 1977), que demonstraram, no caso do Havai pré-histórico, que as comunidades básicas podiam suprir seu próprio sustento e a arrecadação desses produtos era realizada apenas para ocasiões cerimoniais. A redistribuição, enquanto característica distintiva, foi substituída pelo conceito de unidade política regional, que toma o lugar da unidade local antes predominante.

O cultivo da terra aparece como base econômica do sistema acima descrito; se não se pode falar em propriedade privada da terra, a consideramos como sendo um patrimônio sob a gerência do cacique principal. A estratificação social determina diferenças no acesso aos bens suntuários e aos papéis em rituais religiosos; estes, por sua vez, reforçam e institucionalizam essa estratificação crescente.

O processo de dissolução da sociedade igualitária parece estar ligado ao acesso restrito a determinados recursos que, em dado momento, tornaram-se limitados por força de fatores demográficos e ecológicos. Essa limitação imposta pelo meio pode demandar uma organização centralizada com vistas a erigir obras públicas de vulto no interesse da sobrevivência de toda a comunidade. Nesse processo de organização centralizada da força de trabalho estabelece-se o poder político de determinados clãs que não mais abdicam de seus privilégios.

Diversas formas de modificação artificial do ambiente natural estão ligadas às formas produtivas e organizativas dos cacicados, como a construção de canais de irrigação, diques, estradas, calçadas, aterros, plataformas. A disposição das moradias assume também formas hierarquizadas em consonância com as modificações na paisagem.

A Fase Guadalupe, na Venezuela, assim como a Marajoara, se caracteriza por sítios encontrados sobre colinas artificiais; assim como no caso de Marajó, existe homogeneidade cultural e integração política:

*“La organización social de la Fase Guadalupe parece haber estado basada en la existencia de unidades determinadas por el parentesco consanguíneo, cada una de las cuales correspondía con un complejo de montículos. Es posible que cada aldea tuviese su autoridad local, aunque la homogeneidad cultural observable en todos los complejos de montículos permite suponer la presencia de cierto nivel de integración sócio-política entre las aldeas de la Fase”* (Sanoja y Vargas, 1974:117, apud Toledo y Molina, 1987:190).

Sanoja y Vargas (1987:207) vêem a Fase Guadalupe como uma sociedade cacical tardia, assim como também identificam sociedades cacicais a partir de diversos sítios-cemitério no Valle de Quíbor, também na Venezuela, onde a estratificação social e divisão social do trabalho, constatadas a partir dos padrões de enterramento e artefatos associados, são consideradas elementos definidores essenciais e suficientes.

O modelo cacicado tem sido usado, amplamente, para classificar em um estágio evolutivo diversas sociedades conhecidas mais amiúde arqueologicamente e das quais se possui pouca ou nenhuma informação etnográfica ou etnohistórica. Ainda que o registro arqueológico seja o mais adequado *para identificar grandes seqüências evolutivas*, na combinação do modelo com as características regionais os autores tendem a alargar as possibilidades de aplicação do conceito, de modo que essa “elasticidade” em relação à abrangência dessa categoria analítica faz questionar sua utilidade, como bem assinalam Drennan e Uribe (1987:XVIII).

Na identificação arqueológica dos cacicados, não raro os pesquisadores se excedem e maximizam as evidências. Yoffee (1994:4) pondera que

“(…) a sabedoria antropológica recebida tem levado os arqueólogos a recheiar os registros materiais fragmentários de uma organização social extinta por meio de uma analogia etnográfica apropriada. O procedimento “arqueológico” consiste em correlacionar uma ou mais características centrais de um tipo etnográfico favorito com algum material escavado; o arqueólogo pode, então, extrapolar todas as características restantes do tipo e trazer à luz, dessa forma, as dimensões de uma realidade antiga que não podem ser observadas diretamente”.

Em artigo de 1993, Kelley Ann Hays<sup>4</sup> discute três casos concretos de sociedades agrícolas não-estatais em que a agregação foi acompanhada por

<sup>4</sup> HAYS, Kelley Ann. “When is a symbol archaeologically meaningful?: meaning, function and prehistoric visual arts”. In: YOFFEE, Norman e SHERRATT, Andrew (eds.) *Archaeological theory: who sets the agenda?* New York: Cambridge University Press, 1993.



um incremento do trabalho investido na confecção de objetos artísticos. A autora propõe que a intensificação dessas atividades estava relacionada com a necessidade de organizar e manter unidos grandes contingentes populacionais na ausência de uma estratificação social:

*"Visual art in such communities mark different social groups that are cross-cutting rather than hierarchically ranked. The larger significance of this proposition is that changes in patterns of stylistic and ritual activity over time reflect changing configurations of social, economic and political power."* (Hays, 1993:81)

As três sociedades analisadas por Hays (Período Tisza, na Planície Húngara, entre 5000 e 4600 a.C.; Çatal Hüyük, na Anatólia, entre 6500 e 5700 a.C. e Pueblo IV, no Arizona e Novo México, entre 1300 e 1500 A.D.) apresentavam em comum o fato de habitarem sítios agregados, maiores em tamanho do que os antecedentes nas regiões, implicando também em uma população de proporções não conhecidas antes; estava presente o comércio a longas distâncias, um crescimento qualitativo e quantitativo da decoração artística e complexificação das atividades rituais. Apesar de haver evidência de especialização do trabalho, no que tange às atividades artísticas, indícios de um acesso diferenciado aos produtos trazidos pelo comércio e existência de lideranças religiosas, em nenhum dos casos há boas evidências de estratificação social. A autora apresenta os exemplos acima com o intuito de discutir em que medida as mudanças na organização social e política se refletem na atividade artística e que condições determinam, em cada sociedade, um crescimento do investimento nas atividades artístico-simbólicas.

Nos três exemplos, temos grandes comunidades agrícolas, onde existem estruturas de estocagem associadas a contextos domésticos, não havendo evidências de estocagem central e pagamento de tributo a autoridade central. Os objetos rituais não estão concentrados em templos nem evidenciam um controle centralizado da religião, assim como os enterramentos não estão associados com cemitérios formais. Hays observa que, apesar de alguns enterramentos apresentarem mais oferendas do que outros, essas oferendas são principalmente ferramentas ou objetos de cerâmica, em proporções reduzidas, apenas relativas ao indivíduo enterrado. Além disso, em enterramentos mais modestos também existem oferendas.

Johnson (1982, apud Hays, 1993) apresenta uma teoria a respeito do desenvolvimento de hierarquias sociais, denominada "*scalar stress theory*". Segundo Johnson, o aumento populacional e conseqüentemente a necessidade

da tomada de decisões que envolvam uma grande comunidade causa stress nos indivíduos envolvidos. Pode desenvolver-se, então, uma hierarquia vertical, quando um dos grupos, provavelmente de uma linhagem mais antiga, consolida seu poder através de um controle de recursos, matrimônio ou por desempenhar funções de liderança em algum episódio particular. Se essa estrutura não se desenvolve, o grupo pode se fracionar em pequenas comunidades, onde o consenso é mais facilmente obtido. A partir dessas pequenas comunidades se estabelece o que o autor chama de “*sequential or horizontal hierarchies*”, onde, através de representantes das comunidades, pode-se estabelecer a união do grupo maior em nome de interesses comuns. Os rituais cumpririam um papel importante na organização dessa hierarquia horizontal.

É fácil de entender que as atividades artísticas são importantes nesse tipo de organização social, uma vez que a decoração dos objetos estabelece identidades e papéis entre os membros do grupo, que se expressam nas suas roupas, utensílios de caça, vestimentas e paramentos rituais etc. Não só essa arte e a atividade ritual são importantes no processo de constituição dessa nova organização social, mas também são fundamentais para mantê-la durante o tempo em que for necessário. Os rituais cumprirão, portanto, o papel regulador das relações entre os diferentes grupos étnicos ou clânicos.

No primeiro caso estudado por Hays, buscado no estudo feito por Sherratt (1982)<sup>5</sup> sobre a seqüência entre o sexto e o quinto milênio a.C. na Planície Húngara, nos Cárpatos, há três períodos, onde o segundo, o apontado acima, apresenta um florescimento das atividades artísticas e rituais em contraste com a “*decadência*” observada no período seguinte. O autor propõe que isso não significa necessariamente uma involução, mas simplesmente que não haveria mais necessidade ou interesse em investir tanto tempo na produção de objetos artísticos e rituais, devido a mudanças na orientação econômica, que não demandariam mais uma centralização ou organização de forças intercomunidades.

Hays conclui que nem todas as sociedades experimentam um aumento na diferenciação das instituições e um desenvolvimento de hierarquias verticais relacionada com aumento populacional e conseqüente aumento do

<sup>5</sup> SHERRATT, Andrew. Mobile Resources: Settlement and Exchange in Early Agricultural Europe. In: *Ranking, Resource and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society*, edited by C. Renfrew and A. Sherratt. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 13-26.

tamanho do assentamento. Existem provavelmente diversas outras trajetórias evolutivas possíveis e que a diversidade na organização humana é maior do que as categorias utilizadas na classificação tradicional evolucionista, como bandos, tribos, cacicados e estados.

O determinismo ecológico por muito tempo impediu que se percebesse para a Amazônia a possibilidade do desenvolvimento e manutenção de sociedades complexas. No final da década de 70, vários autores (Lathrap, 1972, 1974; Denevan, 1976; Hemming, 1978, apud Brochado, 1980) passaram a questionar a idéia de que os solos amazônicos seriam pobres em nutrientes por causa das pesadas chuvas e o forte calor, uma vez que sabia-se dos grandes assentamentos populacionais que existiram à época da conquista e concluíram que alguma espécie de agricultura produtiva deveria ter-se desenvolvido; por outro lado, começava-se a pensar na Amazônia como o berço das culturas cerâmicas na América. Com relação a Marajó, a semelhança com os solos da Bacia Amazônica foi salientada por Brochado (1980:50-54):

*"In some measure, the quite unique environment of Marajó, specially the kind found east of lake Arari, can be compared to an enormously enlarged várzea, situated not between a river and the terra firme, but between two rivers – the Amazon and the Rio Pará".*

Contra-pondo-se à teoria de Meggers e Evans, Roosevelt também observa que

*"Marajo is a tropical savanna and gallery forest flood-plain, not an upland tropical rain forest, and the productive potential of its alluvial soils is high" (Roosevelt, 1991:131).*

Essa questão permanece ainda objeto de muita controvérsia, mas parece-nos que hoje as atenções devem-se voltar para a observação de outros fatores. A discussão sobre a produtividade dos solos e a possibilidade de existência de sistemas de controle hidráulico para exploração intensiva da terra passa a ser menos importante quando se prioriza a leitura das evidências arqueológicas.

A Fase Marajoara apresenta um quadro em que há um grande contingente populacional, de proporções urbanas, congregado em alguma forma de organização sócio-política em um extenso território, mantendo-se assim por centenas de anos. A construção de *mounds*, vários metros mais elevados do que o nível das cheias exigia, evidencia, por um lado, a necessidade de defesa e fortificação e por outro o fato de que milhares de

trabalhadores estiveram envolvidos em sua construção. Os padrões de enterramento significando diferenciação social e a cerâmica policrômica indicando a existência de uma elite de artesãos especializados, são características que, somadas às acima descritas constituíram-se nas evidências necessárias para que se inferisse a existência de um modo de organização cacical para a fase.

Roosevelt defende a existência de cacicados complexos enquanto forma de organização político-econômico social predominante na várzea amazônica à época da conquista e estende o modelo à Fase Marajoara, à qual confere anterioridade:

“(...) appears to be one of the earliest complex chiefdoms in Amazonia” (Roosevelt, 1987:162).

Entretanto, ao examinarmos certas condições necessárias para que se estabeleça como válida a hipótese da ocorrência de cacicados em Marajó, concluímos que, com os dados de que dispomos atualmente, essa hipótese não se concretiza.

As famosas obras públicas, características para esse tipo de sociedade, se restringem no caso de Marajó aos *mounds*, não havendo sinais de diques ou canais de irrigação, tampouco calçadas ou outras construções que demandassem o envolvimento de muitos trabalhadores.<sup>6</sup>

Também seria uma característica dos cacicados a existência de um chefe principal, para quem os chefes locais pagariam tributos recolhidos entre os comuns. Esse mandatário maior se encarregaria da redistribuição de alimentos e seu controle e estocagem. Não foram encontrados em Marajó evidências de que grandes quantidades de alimentos fossem estocados, já que nem a existência do cultivo é comprovada diretamente. Assim como residências principais ou uma grande residência principal também não foram detectadas. Tanto a redistribuição como a unidade política centralizada não parecem estar presentes se nossas inferências se restringirem aos dados arqueológicos existentes.

A argumentação relativa à falta de pesquisas sistemáticas na Ilha e a conclusão clara de que há muito a descobrir ainda serve a que não se possa chegar a conclusões definitivas com relação à questão da organização sócio-política na Fase Marajoara. Concordamos que existem muitas frentes de

6 ROOSEVELT (1991) apresenta indícios duvidosos de construções de canais de irrigação, que podem ter causa natural.

pesquisa que precisam ser levadas adiante, ao mesmo tempo em que pensamos que as poucas evidências arqueológicas existentes apontam definitivamente para outras direções, mais possíveis e plausíveis, e que passam ao largo do elástico conceito de cacicado.

Pelos relatos dos cronistas que percorreram o Rio Amazonas no período imediatamente posterior à conquista, percebe-se que a existência da cerâmica policrômica é uma realidade em todo o trajeto pelo Amazonas e que a atividade ceramista está também ligada à produção de vasilhas utilitárias para o comércio. A existência da atividade comercial contumaz resta claramente comprovada e vai ao encontro da idéia de que existia uma economia complexa, de âmbito inter-regional.

Esse intenso comércio inter-regional explica a ocorrência, nos sítios, de materiais líticos estranhos à geologia de Marajó, como diorite, nefrite e diversos tipos de rochas ígneas e metamórficas transformadas em implementos, utensílios e adornos. É, portanto, razoável supor que a mesma via utilizada para importar o lítico tem sido usada para exportar cerâmica, principal produto produzido em Marajó e que tinha qualidade suficiente para ser desejado por outros mercados.

Além disso, juntamente com o lítico, a ilha pode ter sido abastecida de grãos, como o milho, e de mandioca, em épocas em que o cultivo não tenha sido muito pródigo. Trocas entre o interior e a costa sudeste da ilha, onde a mandioca é cultivável, são alternativas possíveis. É uma hipótese a ser testada, assim como outras relacionadas à agricultura, uma vez que a questão da subsistência em Marajó nos tempos pré-históricos ainda é bastante nebulosa. A existência de um comércio freqüente e bem organizado pressupõe união política e pode ter sido motivo básico e motor para a construção de um sistema hierárquico horizontal.

A questão sobre a origem das culturas cerâmicas em Marajó ficou resolvida através das datações realizadas não só na Ilha como no Continente, que atestam a antigüidade das culturas cerâmicas na Bacia Amazônica. Futuras pesquisas em sítios arqueológicos na região do baixo Amazonas poderiam estabelecer mais precisamente linhas migratórias ou de influência e intercâmbio cultural entre as diversas regiões.

Ficou comprovado, a partir de datações de radiocarbono, a antigüidade dos sítios da Fase Marajoara, caracterizada por ocupações sucessivas e contínuas por um período não inferior a 900 anos. Os *surveys* e escavações também indicaram uma ocupação bastante densa, em escala urbana.

A forma de agrupamento dessa população tão expressiva nos *mounds* é algo que não ficou claro. Cada *mound* parece constituir uma aldeia, com casas comunais dispostas ao redor de uma área central aberta, compatível com padrões amazônicos atuais. O fato de existirem grupos de *mounds* agregados permite supor uma distribuição espacial relacionada com diferenças clânicas e/ou hierárquicas. Os dados a respeito dos sítios situados em *mounds* mostram que o cemitério se encontrava ligado às moradias, não havendo separação entre sítio-cemitério e sítio-habitação. Os possíveis sítios planos foram pouco investigados e por esse motivo sua ligação com os sítios-*mounds* é obscura.

Não fica explícito no registro arqueológico a etiologia das diferenças observadas nos tipos cerâmicos decorados e nos padrões de enterramento. Na decoração cerâmica é patente haverem diferenças marcantes entre a cerâmica de Pacoval e a de outros sítios. As diferenças nos padrões decorativos entre os sítios podem representar diferenças clânicas, uma vez que a matéria-prima utilizada é a mesma. Uma análise cuidadosa de amostras cerâmicas coletadas em extratos sincrônicos nos diversos *mounds* poderia testar essa hipótese. Os padrões de enterramento parecem variar diacronicamente; no entanto, um estudo sistemático poderia ser feito para determinar se as diferenças são observáveis de um sítio a outro e de que forma ocorrem.

A falta de um estudo tipológico e estratigráfico adequado com relação à cerâmica ritual leva a que não se identifique momentos em que teria havido um maior ou menor dispêndio de tempo, pessoal e recursos nas atividades suntuárias e rituais não ligadas diretamente à sobrevivência. A decadência observada por Meggers e Evans para o final da fase, se comprovada, não denota decadência cultural na acepção vulgar do termo, mas simplesmente que já não eram tão importantes para o grupo as práticas rituais antes desenvolvidas, uma vez que se aceita que essas práticas cumpririam uma função importante ligada à organização social e política.

Apesar de não ter sido identificada arqueologicamente a existência de centralização político-administrativa para o domínio Marajoara, pode-se dizer que deve ter havido alguma espécie de unidade política entre as comunidades que habitavam os *mounds*. O registro da cultura material indica que havia uma unidade cultural que deve ter sido engendrada por meio de práticas sociais, econômicas e políticas absolutamente necessárias para a sobrevivência das comunidades. Essa unidade política pode ter se dado através de hierarquias horizontais, conforme a teoria de Johnson, e se realizaria por meio da articulação entre os clãs, com vistas à necessidade de defesa e subsistência

econômica. A unidade dos clãs se consumaria e se reforçaria através de práticas rituais apoiadas em uma mitologia e cosmovisão comuns. Os momentos de menor complexidade ritual, observáveis pelas práticas funerárias e pela decoração e confecção da cerâmica denotam momentos em que essa unidade política era menos necessária e mais fluida. As diferenças observáveis na forma e decoração de vasilhas entre os diferentes sítios mostra haverem não só diferenças clônicas, mas diferenças culturais importantes e reforça a idéia de que havia a necessidade de costurarem-se alianças.

A produção de bens suntuários relacionados com rituais funerários e festivos, assim como a constatação da existência de intercâmbio com outras regiões, que pode ter sido desenvolvido de forma sistemática, denotam a existência de grupos de pessoas que se especializavam no desempenho desses papéis.

O afrouxamento da unidade política com uma certa desarticulação entre os clãs poderia ocasionar, nos momentos finais da fase, a falta de coesão necessária para reprimir invasões. Algum tipo de migração progressiva pode também ter ocorrido nesse momento. É difícil imaginar o final da fase como de apogeu, uma vez que, quando da chegada dos europeus esta sociedade parece já não mais existir. Alguma forma de desagregação social deve ter ocorrido para explicar o fato de que nos séculos XVI e XVII diversas outras tribos aparentemente não relacionadas com os Marajoaras habitassem a ilha, sem guardar nenhuma relação com a cultura anterior.

Enfim, entendemos que a hipótese da existência de cacicados durante a Fase Marajoara não se sustenta pela leitura das evidências arqueológicas e pela análise das condições necessárias apontadas pela definição clássica do conceito. Por outro lado, se imaginarmos que pode ter-se desenvolvido durante a Fase alguma espécie de cacicado, com características próprias, não estaremos usando uma ferramenta analítica válida, pois ela não fornece elementos para a compreensão das formas organizativas sociais e políticas que caracterizaram aquela cultura.

A tentativa de estabelecer categorias *a priori* para definir e classificar as sociedades humanas, colocando-as em posições previamente estabelecidas na escala evolutiva com vistas a compará-las numa perspectiva hierárquica não contribui definitivamente para um melhor conhecimento a respeito dos padrões adaptativos e culturais desenvolvidos pelas sociedades nos diversos ambientes ecológicos através do tempo. Ao contrário, é na compreensão das especificidades e particularidades de cada cultura que reside a possibilidade de ampliar nossos conhecimentos sobre as diversas formas organizativas que assumiram as sociedades humanas através dos tempos.

## BIBLIOGRAFIA

- BARSE, William P. Review of "Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island Brazil". Anna Curtenius Roosevelt. *American Antiquity*, v. 58, n. 2, p. 373-374, 1993.
- BROCHADO, José Proenza. *The social ecology of the Marajoara Culture*. M.A. Thesis, University of Illinois, Illinois: Urbana, 1980.
- \_\_\_\_\_. *An archaeological model of the spread of pottery and agriculture into southeastern south america*. PhD. Tesis, Univeristy of Illinois, Illinois: Urbana, 1984.
- \_\_\_\_\_. "Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul". *Clio, Série Arqueologia*, n. 4, p. 85-88. *Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro*, UFPE, 1991.
- BROCHADO, José Proenza, LATHRAP, Donald W. *Cronologies in the New World: Amazonia*. Unpublished paper, 1982. (cópia xerográfica).
- CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Traduzidos e anotados por C. de Melo-Leitão. São Paulo: Nacional, 1941.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/SMC, Cia. das Letras, 1992.
- DRENNAN, Robert D., URIBE, Carlos A. (eds.). *Chiefdoms in the Americas*. Boston: University Press of America, 1987.
- FERREIRA PENNA, Domingos Soares. *Obras completas de Domingos Soares Ferreira Penna*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. v. 11.
- FIGUEIREDO, N., SIMÕES, M.F. "Contribuição à Arqueologia da Fase Marajoara". *Revista do Museu Paulista*, N.S., v. 14, p. 455-65, 1963.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Local Knowledge. Further Essays in interpretative anthropology*. New York: Basic Books, 1983.
- HAYS, Kelley Ann. "When is a symbol archaeologically meaningful?: meaning, function and prehistoric visual arts". In: YOFFEE, Norman e SHERRATT, Andrew (eds.). *Archaeological theory: who sets the agenda?* New York: Cambridge University Press, 1993.
- HILBERT, Peter Paul. *Contribuição à arqueologia da Ilha de Marajó*. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1952. (Publicação n. 5).
- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem pelo Amazonas (1735-1745)*. São Paulo: Nova Fronteira, Edusp, 1992.
- LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon. Ancient peoples and places*. Thames and Hudson, 1970. v. 70.
- MEGGERS, Betty J. *The Beal-Steere collection of pottery from Marajó Island, Brazil*. Reprinted from papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters, 1947. v.XXXI.
- \_\_\_\_\_. The theory and purpose of ceramic analysis. *Proceedings of the 2nd International Congress for the Study of Pre-Columbian Cultures in the Lesser Antilles*. Barbados, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Amazônia, a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MEGGERS, Betty, EVANS, Clifford. *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.



- \_\_\_\_\_. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington: Government Printing Office, 1957.
- NORDENSKIÖLD, Erland. *L'Archéologie du Bassin de L'Amazone*. Paris: G. Van Oest, 1930.
- OLEN, Helaine. "Pottery find rocks archeology. Field Museum curator's discovery dates back 7,000 years". *Chicago Tribune*, Friday, december 13, Section 2, p. 6, 1991.
- PALMATARY, Helen. "The pottery of Marajó Island". *Transactions of the American Philosophical Society held at Philadelphia for promoting useful knowledge*. N.S. XXXIX, 3, 1949.
- PORRO, Antônio. "O antigo comércio indígena na Amazônia". *Leitura*. São Paulo, v. 5, n. 56, p. 2-3, jan., 1987.
- \_\_\_\_\_. "História indígena do alto e médio Amazonas. Séculos XVI a XVIII". In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, Fapesp/SMC, 1992.
- \_\_\_\_\_. *As crônicas do Rio Amazonas: notas etnohistóricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992.
- ROOSEVELT, Anna Curtenius. Chiefdoms in the Amazon and Orinoco. In: DRENNAN e URIBE (eds.). *Chiefdoms in the Americas*. Boston: University Press of America, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Forest civilizations of the lower Amazon". *Natural History*, v. 2, p. 75-82, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Moundbuilders of the Amazon. Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego, California: Academic Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. "Secrets of the Forest. An archaeologist reappraises the past – and future – of Amazonia". *The Sciences*, nov./dez., 1992a.
- \_\_\_\_\_. "As sociedades complexas indígenas na Amazônia". In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, Fapesp/SMC, 1992b.
- \_\_\_\_\_. "Sociedades pré-históricas do Amazonas Brasileiro". In: *Brasil*. Lisboa: Quetzal, 1992c. (Catálogo da exposição "Nas vésperas do mundo moderno: África e Brasil", organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses).
- \_\_\_\_\_. "Early pottery in the Amazon. Twenty years of scholarly obscurity". In: BARNETT e HOOPES (eds.). *The emergence of pottery. Technology and innovation in ancient societies*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1995.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SANOJA, Mario e VARGAS, Iralda. "La Sociedad Cacical del Valle de Quibor (Estado Lara, Venezuela)". In: DRENNAN e URIBE (eds.). *Chiefdoms in the Americas*. Boston: University Press of America, 1987.
- SIMÕES, Mário F. "Resultados preliminares de uma prospecção arqueológica na região dos rios Goiapi e Camará (Ilha de Marajó)". *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, v. 2 (Antropologia): p. 207-224, 1967.
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.
- TOLEDO, Maria e MOLINA, Luis. "Elementos para la definición arqueológica de los cacicazgos prehispánicos del noroeste de Venezuela". In: DRENNAN e URIBE (eds.). *Chiefdoms in the Americas*. Boston: University Press of America, 1987.
- TORRES, Heloisa Alberto. *Arte indígena da Amazônia*. Rio de Janeiro: MES, Imprensa Nacional, 1940. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 6).

- URIBE, Carlos Castaño. La vivienda y el enterramiento como unidades de interpretación: anatomía de dos casos de transición del modelo de cacicazgo, In: DRENNAN e URIBE (eds.). *Chiefdoms in the Americas*. Boston: University Press of America, 1987.
- WILFORD, John Noble. "Oldest Pottery in Americas is found in Amazon Basin". *The New York Times*, Friday, december 13, 1991.
- YOFFEE, Norman. *Caciques demais? (ou, textos seguros para os anos 90)*. II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais. Florianópolis: II Coordenadoria Regional do Instituto Brasileiro do Patrimônio Nacional, 1994.